

O DEBATE SOBRE A MASCULINIDADE TÓXICA EM SALA DE AULA A PARTIR DO CONTO “LÁGRIMAS E TESTOTERONA”, DE MOACYR SCLIAR

Raquel Araújo Luna ¹
Ingrid Vanessa Souza Santos ²
Layze Mariana Tenório de Lima ³

RESUMO

Através das redes sociais, diversas temáticas ganham visibilidade entre o público jovem, bem como propagam-se nomenclaturas que compreendam as pautas que entram em voga nas plataformas interativas. Nesse percurso, externo às redes, a masculinidade tóxica é um termo que tem se apresentando recorrente no linguajar dos jovens inseridos no ambiente escolar, para designar comportamentos considerados machistas. Nessa direção, aproveitamos o ensino para abordar o tema pela via da literatura, a fim de conscientizar os alunos cursantes da terceira série do ensino médio sobre as raízes socioculturais que permeiam o comportamento negativo de alguns indivíduos. Para isso, selecionamos o conto brasileiro intitulado “Lágrimas e Testosterona” (2011), de Moacyr Scliar, com o intento de propor uma leitura crítica acerca da situação narrada, à luz dos estudos que se debruçam sobre o mito da masculinidade, assumindo a função de mediadoras no debate entre os estudantes. Nesse sentido, para a construção da pesquisa, buscamos respaldo teórico em Cosson (2018), Nolasco (1997), Beauvoir (2016), Albuquerque Junior (2013), além das recomendações propostas pela BNCC (2018). Tendo como base o texto literário, notamos o engajamento e interesse da maior parte da turma na leitura e no tratamento de questões que envolvem gênero e sexualidade ao ponto de solicitarem novos encontros com semelhante proposta.

Palavras-chave: Masculinidade, Gênero, Conto, Moacyr Scliar, Sala de Aula.

INTRODUÇÃO

Na dinâmica das relações interpessoais, a interatividade surge como uma forma corriqueira de comunicação entre os jovens, principalmente, através das redes sociais, em plataformas como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp*, *Discord*, entre outras. Com efeito, essas interações se mostram inovadoras no campo da linguagem e, por vezes, novas expressões são (re)criadas neologismos, aglutinações linguísticas, gírias, para atender às demandas deste público. Assim, essa permissividade criativa de manusear as palavras para dar sentido a um

¹Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), lunarachel77@gmail.com;

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ingrid_vanessa12@hotmail.com;

³ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI), na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), layzemariana6@hotmail.com.

contexto de uso traz à baila alguns termos, que são incorporados no repertório sociocultural e linguístico dos usuários, como é o caso da “masculinidade tóxica”.

Dito isso, neste artigo objetivamos descrever, por meio de uma ótica crítico-reflexiva, como a “masculinidade tóxica” pode atravessar o debate nas aulas de literatura, conforme nos orienta a Base Nacional Comum Curricular (2018). Para isso, utilizamos a leitura do gênero conto, especificamente, em uma turma da 3ª série do ensino médio de uma escola da rede privada, localizada na cidade de Massaranduba, situada na região do agreste paraibano. Em razão disso, selecionamos o texto intitulado *Lágrimas e Testosterona* (2011), do escritor Moacyr Scliar, como elemento motivador para mediar a discussão sobre as similaridades entre a situação narrada e seus possíveis reflexos na realidade daquela comunidade estudantil.

Na trama, temos a presença de uma construção familiar heteronormativa, composta por personagens anônimos, em que o homem autocritica o próprio comportamento sensível ao choro das esposas. A ideia de que deve ser rígido, inflexível e não se “deixar dominar” pelo sexo oposto são características cobiçadas pela figura masculina em questão, por acreditar que se torna “menos homem” ao se sensibilizar com o choro da esposa. Na busca por uma solução, o personagem descobre, através da manchete de um jornal, que a “cura” reside em uma injeção que aumentaria os níveis do hormônio masculino, a testosterona. Dessa forma, atingiria o *status* de “durão”, incapaz de se comover com as lágrimas da mulher. No entanto, a ironia do conto reside no fato do personagem ter pânico de agulhas.

A iniciativa de trabalhar com a temática da masculinidade surgiu após observarmos alguns comportamentos e discursos que muitas vezes adentravam na reprodução de práticas estereotipadas, machistas e preconceituosas, as quais tinham urgência de serem problematizadas no ambiente escolar, a fim de desenvolver um convívio respeitoso e consciente entre aqueles jovens. Por isso, preferimos caracterizar nosso trabalho como resultante de proposta de intervenção, uma vez que recebemos orientações pedagógicas para alertar sobre os conflitos que podem surgir de práticas impensadas, decorrentes de uma invenção estereotipada que se enraíza na tradição cultural e, conseqüentemente, se cristaliza na mentalidade das pessoas (Albuquerque Junior, 2011).

A chamada “masculinidade tóxica” funciona semanticamente como uma construção pejorativa acerca do comportamento agressivo do homem. O emprego do adjetivo “tóxico” caracteriza a ênfase negativa atribuída ao substantivo, ao passo que também desqualifica essa masculinidade. Existem outras expressões como, “masculinidade frágil”, “masculinidade rígida”, “masculinidade ferida”, que são utilizadas para nomear práticas julgadas como características do sexo masculino. No entanto, sabe-se que a ideia de masculinidades decorre

do construto social, que designa o cumprimento de papéis distintos entre homens e mulheres, muito pautados numa visão biológica e determinista, desconsiderando a sexualidade particular desses indivíduos (Beauvoir, 2008). Daí, a importância de discutir a temática em sala de aula, não para oprimir ou impor ideologias, mas para construir conhecimento e desnaturalizar preconceitos que se escamoteiam sob o manto da cultura.

Para embasar nossa proposta, buscamos apoio em referências teóricas que se afinam com os objetivos traçados para este artigo, entre os quais estão: Albuquerque Junior (2013), a fim de analisarmos a construção social da masculinidade; Nolasco (1997) e Oliveira (2004), para questionar determinadas atribuições direcionadas ao homem regrado pela heteronormatividade e Beauvoir (2008), a fim de assinalar a assimetria histórica entre os sexos. Além desses, buscamos em Cosson (2018) melhores estratégias didáticas, para conduzir a leitura e abordagem discursiva do texto literário em sala de aula.

Sabemos que para sanar muitas incoerências é preciso investir em tempo e esforço, porém, nem sempre o ambiente escolar será suficiente para repará-las, apesar de compor uma das instâncias necessárias para auxiliar no desenvolvimento da construção da cidadania e do respeito mútuo. Não podemos ser utópicas ao ponto de alegar que as aulas de leitura transformaram a mentalidade dos jovens, estamos cientes de que toda mudança é gradativa e depende de outros estímulos, advindos de ambientes externos à sala de aula. Entretanto, na prática professoral, testemunhamos que as relações sociais podem ser melhoradas através do debate e da aquisição do conhecimento, a partir da prática de leitura.

METODOLOGIA

Nosso traçado metodológico se adequa à proposta sociointeracionista, na qual assumimos posição de mediadores do conhecimento, sem deixar de estabelecer relações dialógicas com os estudantes, valorizando o conhecimento de mundo, as percepções de leitura e as colaborações particulares que surgiriam durante os encontros. No que diz respeito ao trabalho com o texto literário em sala de aula, damos ênfase aos pressupostos traçados por Cosson (2018), buscando durante a leitura literária a apreciação do texto, dos seus significados, bem como das suas ambiguidades, fugindo à rigidez imposta pelo currículo e pelos manuais didáticos, que, em geral, reduzem a finalidade da literatura, unicamente, para o cumprimento de atividades para pontuação.

Nosso trabalho objetiva melhorar a interação entre os estudantes e torná-los cientes das consequências positivas e negativas de suas ações e palavras, assim, nos amparamos na BNCC

(2018), com o intento de demonstrar que a leitura pode ser uma ferramenta de aprendizado e compreensão das relações humanas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com a BNCC (2018), durante as aulas de literatura, o conteúdo dos textos abordados devem estabelecer relações de diálogo com a vivência dos alunos. Assim, cabe ao professor mediar os encontros de maneira didática, selecionando temáticas que façam jus às questões que atravessam o cotidiano dos jovens, para que a leitura seja uma das formas de pensar acerca do mundo e das relações humanas. Em vista disso, desenvolvemos uma correlação entre a narrativa de Moacyr Scliar, especialmente, o conto *Lágrimas e Testosterona* (2011), e a temática da masculinidade tóxica, a fim de despertar a reflexão dos estudantes sobre comportamentos opostos ao respeito que, por vezes, eram replicados por alguns deles.

Sabemos que muitas das ações comportamentais derivam de uma estrutura social complexa e que a escola não é o único componente responsável pela promoção dos direitos e deveres dos educandos. Mas, estamos cientes de que o ambiente escolar trata-se de um cenário no qual se desenvolvem práticas de socialização e que, mais tarde, poderão refletir no modo com que o sujeito interage com o outro e com o mundo. Tendo isso em mente, notamos a importância de trazer à tona a discussão sobre a assimetria entre os papéis sociais que (pre)determinam as formas de convivência entre homens e mulheres, destacando, é claro, o caráter nocivo da “masculinidade tóxica” na cena cotidiana.

A masculinidade tóxica tornou-se uma expressão recorrente no âmbito das redes sociais para designar comportamentos que refletem atitudes misóginas, a heteronormatividade agressiva e o preconceito direcionado à sexualidade dos sujeitos que fogem ao estereótipo de “homem de verdade” (Nolasco, 1997). Cabe ressaltar que nem tudo que é produto da cultura é sadio para o tecido das relações humanas, por isso, a ideia de ser “homem de verdade” está espelhada numa tradição patriarcal que exige do sexo masculino uma performance rígida, na qual o homem deve ser hetéro, provedor, agressivo e se sobrepor ao sexo oposto (Albuquerque Junior, 2013). Com isso, várias atitudes misóginas são direcionadas às mulheres considerando-as, por vezes, inferiores ou objetos de subserviência, contudo, ora vitimadas por elas, ora funcionam como colaboradoras implacáveis do machismo estrutural, ilustrando a prevalência de uma cultura machista na contemporaneidade.

Diante disso, não utilizamos do texto como mero pretexto para traçar nossos encontros de literatura, mas o articulamos à temática e, com efeito, planejamos uma discussão em que os

jovens pudessem assumir a tônica dos questionamentos elaborados, após a leitura do conto. A escolha do gênero discursivo não foi aleatória, pois retomariamos os elementos estruturais (já tínhamos abordado o gênero conto, em aulas anteriores), dando destaque ao recurso da intertextualidade, visto que o conto elaborado por Moacyr Scliar, para o jornal Folha de São Paulo, contém uma epígrafe, que serve de ensejo para o desenvolvimento da trama, em forma de notícia:

Atenção, mulheres, está demonstrado pela ciência: chorar é golpe baixo. As lágrimas femininas liberam substâncias, descobriram os cientistas, que abaixam na hora o nível de testosterona do homem que estiver por perto, deixando o sujeito menos agressivo. Os cientistas queriam ter certeza de que isso acontece em função de alguma molécula liberada -e não, digamos, pela cara de sofrimento feminina, com sua reputação de derrubar até o mais insensível dos durões. Por isso, evitaram que os homens pudessem ver as mulheres chorando. Os cientistas molharam pequenos pedaços de papel em lágrimas de mulher e deixaram que fossem cheirados pelos homens. O contato com as lágrimas fez a concentração da testosterona deles cair quase 15%, em certo sentido deixando-os menos machões (Scliar, 2011, s/p).

O suposto caráter científico da notícia recai sobre o personagem como um diagnóstico, que, do ponto de vista dele, seria o motivo pelo qual não conseguia reproduzir o estereótipo de “machão”, durante a convivência com a esposa. Por essa ótica, as lágrimas da personagem impediam a produção da testosterona, que trata-se de um hormônio tipicamente masculino, ligado às questões do aparelho sexual, tal como a ereção. Com isso, uma das possíveis leituras parte do princípio determinista de que a biologia do corpo (o nível testosterona) influencia na dinâmica do comportamento masculino, ou seja, a ideia de uma heteronormatividade que desconsidera razões socioculturais e psicológicas, quando, na verdade, a masculinidade desejada pelo protagonista diz respeito a uma ideia de virilidade que parte de uma convenção social.

Nesse sentido, a ideia de ser “menos machão”, por ceder ao choro da esposa, seria justificada por uma razão clínica. Nessa ótica ficcional, bastava repor os hormônios da testosterona para que a masculinidade fosse “ativada” e o personagem passasse a agir de modo agressivo, rígido, insensível, tal como a noção de “homem de verdade”, que desemboca no tema da masculinidade tóxica. A problemática da construção masculina estereotipada compôs o cerne do nosso diálogo com a turma, buscando desnaturalizar certas práticas a partir da percepção dos alunos em relação ao conteúdo da narrativa, durante a discussão do texto. Nessa direção, estruturamos um total de cinco encontros, por meio dos quais trabalhamos a leitura, a interpretação e a intertextualidade, destacando o uso da epígrafe como um recurso funcional à construção da trama. Em síntese, planejamos os cinco encontros nesta sequência de ações, conforme a Tabela 1:

| 1º Encontro | Planejamento das atividades | Objetivos |
|--------------------------|--|--|
| 1ª aula (50 minutos) | <ul style="list-style-type: none"> a) Entrega do conto xerocopiado, como elemento motivador; b) Leitura oral e compartilhada do conto; c) Contextualização da temática; d) Discussão sobre a problemática presente no texto. | <ul style="list-style-type: none"> a) Introduzir a temática da masculinidade tóxica, a partir da leitura do conto; b) Sondar a percepção dos jovens a respeito da problemática explorada na trama. |
| 2º Encontro | Planejamento das atividades | Objetivos |
| 2ª aulas (50 minutos) | <ul style="list-style-type: none"> a) Retomar a discussão do conto, utilizando slides para dar suporte à continuidade da tema; b) Contextualização histórica da temática; c) Abordagem de elementos formais do conto: o uso da epígrafe e sua funcionalidade estilística. | <ul style="list-style-type: none"> a) Debater sobre os comportamentos culturalmente estabelecidos; b) Confrontar ideias estereotipadas sobre a masculinidade; c) Explorar o uso da epígrafe, como um recurso estratégico, para oferecer uma suposta veracidade à ideia encontrada no conto. |
| 3º Encontro | Planejamento das atividades | Objetivos |
| 1ª aula (50 minutos) | <ul style="list-style-type: none"> a) Contextualização presentificadora; b) Abordagem da epígrafe, em forma de notícia, como predecessora das ações do personagem. | <ul style="list-style-type: none"> a) Avaliar a compressão particular dos alunos sobre a temática; b) Discutir sobre o recurso da intertextualidade |

| 4º Encontro | Planejamento das atividades | Objetivos |
|--------------------------|--|--|
| 2ª aulas (50 minutos) | <p>a) Diálogo sobre o tema da masculinidade tóxica e seus resquícios negativos na construção da relações sociais;</p> <p>b) Discussão sobre a resistência de alguns homens, para validação dos sentimentos, considerados como fragilidades;</p> <p>c) Destaque do papel e do impacto da cultura na performance dos sujeitos;</p> <p>d) Orientação para o debate oral, tendo como foco a masculinidade tóxica.</p> | <p>a) Ouvir o ponto de vista dos alunos, mantendo o diálogo com a temática proposta;</p> <p>b) Validar o conhecimento de mundo, as experiênciencas pessoais dos estudantes;</p> <p>c) Pontuar sobre os danos, provenientes do machismo estrutural, no tecido das relações humanas.</p> |
| 5º Encontro | Planejamento das atividades | Objetivos |
| 1ª aula (50 minutos) | <p>a) Divisão da turma em dois grupos de debate, tendo em vista a situação enredada no conto de Moacyr Sclair;</p> <p>b) Sorteio para decidir qual dos grupos irá explanar sobre os aspectos negativos da masculinidade tóxica para às mulheres, (tal como a violência de gênero, oportunidades de trabalho, etc), e para os homens (preconceito sexual, violência de gênero, misoginia no âmbito do trabalho, etc).</p> | <p>a) Mediar e promover o debate respeitoso de ideias entre os alunos;</p> <p>b) Fazê-los refletir sobre práticas nocivas percebidas no cotidiano;</p> <p>c) Estimular a oralidade, a construção de argumentos e o desenvolvimento de propostas para sanar o problema em questão.</p> |

Tabela 1 (Síntese dos encontros)

Levando em consideração a afirmação teórica na qual espelhamos nosso planejamento didático, Dolz *et.al* (2004) sinalizam que a execução das aulas não deve ser tomada como uma “camisa de força”, por vezes, torna-se necessário ser flexível para que o objetivo principal, o

aprendizado do aluno, seja atingido. Evidentemente, nossa postura foi de acolher a participação dos estudantes, principalmente, os relatos dos jovens sobre a violência e os traumas que a masculinidade tóxica acarreta no dia a dia. Em conformidade com Cosson (2018), uma prioridade no trabalho com o texto literário é que ele produza e faça sentido para o aluno, então, enquanto professoras, nos dispomos a perceber o quanto a ficção poderia se aproximar da realidade dos estudantes, assim, dando margens para que o texto literário visto além do entretenimento individual, mas, sobretudo, como uma ferramenta de utilidade social.

Nessa perspectiva, organizamos nossos encontros buscando duas formas de contextualização, propostas por Cosson (2018), a fim de explanar por mais de um ângulo a temática. Cabe lembrarmos as circunstâncias para o trabalho com essa temática: recebemos orientações da coordenação pedagógica, para levarmos à sala de aula demandas de sociabilidade que fizessem parte do cotidiano escolar. Desse modo, justificamos a escolha das duas contextualizações diferentes, porque existia a necessidade de despertar nos jovens o senso crítico sobre as próprias ações. Como os episódios que legitimam o machismo estrutural eram notados com certa frequência, optamos por explorar desde a construção histórica da masculinidade à sua resistência no tempo presente.

Após a leitura oral e compartilhada do conto, no princípio realizamos a contextualização da temática, nos utilizando de questões-chave: “O que significaria o termo testosterona?”, “Como se comportam os personagens do enredo?”, “Qual a problemática social tratada no conto?”, “O que justifica a busca por uma ideal masculino?”, para, enfim, chegar à discussão da masculinidade tóxica. Em razão disso, o texto em prosa de Scliar, funcionou como elemento motivador e guia para as discussões que foram desenvolvidas nos próximos encontros. Apesar do elemento motivador ter a finalidade de introduzir a temática e poder variar a cada aula, quisemos explorar o conto com maior profundidade, demonstrando aos alunos que em uma mesma narrativa é possível encontrar variadas formas de observá-la.

Como observado na Tabela 1, ao longo dos encontros, tratamos sobre a contextualização histórica e a contextualização presentificadora. Nas palavras de Cosson (2011) a contextualização histórica “[...] visa relacionar o texto com a sociedade que o gerou ou com a qual ele se propõe a abordar internamente” (Cosson, 2018, p.87). Por essa via, ainda que o conteúdo do texto literário espelha nossa atualidade, a contextualização histórica nos permite retornar à raiz do problema. De acordo com Albuquerque Junior (2013), não é possível compreender a humanidade sem o devido retorno ao passado, do mesmo modo, não se pode entender o mito da masculinidade sem reconhecer suas origens.

Dessa forma, a historicização da masculinidade nos permite enxergar a motivação do preconceito, da intolerância e do desejo de demonstrar a força, como uma forma de reafirmação da virilidade. Entretanto, deixamos claro para os estudantes que a masculinidade pode ser nociva tanto às mulheres quanto aos homens (Oliveira, 2004), pois o sexo masculino é cobrado socialmente pela maneira como age e se posiciona, assim, para atender a essa expectativa, alguns deles apresentam uma postura desordeira. É justamente o que ocorre com o personagem do conto, ele tem o anseio de parecer um “cara durão” e, para isso, resolve ir à farmácia repor o hormônio da testosterona através de uma injeção, a fim de destacar comportamentos que integram a masculinidade tóxica, como lemos:

Por que o pranto da mulher o comovia tanto? E comovia-o à distância, inclusive. Muitas vezes ela se trancava no quarto para chorar sozinha, longe dele. E mesmo assim ele se comovia de uma maneira absurda. Foi então que leu sobre a relação entre lágrimas de mulher e a testosterona, o hormônio masculino. Foi uma verdadeira revelação. Finalmente tinha uma explicação lógica, científica, sobre o que estava acontecendo. As lágrimas diminuíam a testosterona em seu organismo, privando-o da natural agressividade do sexo masculino, transformando-o num cordeirinho (Scliar, 2011, s/p).

Na ótica de Nolasco (1997), o “homem de verdade” é uma ilustração da necessidade de dominação e da demonstração dela, suas atitudes desordeiras são “justificadas” pelo uso imperativo da força, como se fosse pertencente à natureza do homem. O conto reflete a frustração desse sujeito, que não consegue corresponder à versão estereotipada, reproduzida pelos discursos e ações ao longo da história. Além disso, sentia-se “menos homem” pelo fato de se comover com a esposa, recorrendo à uma explicação científica para traduzir sua “fragilidade”, pois o protótipo do “homem de verdade” não chora e não se comove com o choro alheio (Oliveira, 2004). Assim, salientando essas características, pedimos aos alunos que as identificassem em trechos do conto.

Adiante, realizamos a contextualização presentificadora, que segundo Cosson (2018): “[...] é uma prática usual nas aulas de literatura do ensino médio, assim como a contextualização temática. Na maioria das vezes, o professor a utiliza para despertar o interesse do aluno pela obra, chamando sua atenção para o tema e as relações dele com o presente “(Cosson, 2018, p.89). Nesse viés, solicitamos a fala dos alunos que se identificam com a heterormatividade, para que compartilhassem suas impressões sobre quanto observavam ou reproduziam comportamentos derivados dessa masculinidade. Do mesmo modo, solicitamos que jovens do sexo feminino se dispusessem a partilhar o quanto essas atitudes feriam o respeito. Algumas pontuaram que os adeptos da masculinidade tóxica enxergavam as mulheres como objetos sexuais. Sempre que possível, complementamos as falas com trechos do conto, entretanto,

captamos que as alunas, em comparação aos demais, participavam com mais empenho nas discussões.

A princípio, identificamos que alguns não se dispunham a falar, principalmente, aqueles que, em algum momento, já tinham sido alertados sobre o modo com que se portavam diante dos colegas. Além do mais, a polarização política sempre surgia nos discursos, com isso, tivemos que ter prudência durante a realização dos encontros, pois, as intervenções deles nem sempre obedeciam à regra do bom senso e do respeito às escolhas partidárias um do outro, o que prejudicava, em certo ponto, o andamento da aula.

Durante o último encontro temático, a divisão dos dois grupos ocorreu de maneira pacífico. Organizamos a sala, alinhando as carteiras numa posição frontal, para que os grupos pudessem melhor observar um ao outro, durante a exposição oral. Tendo em vista o nosso planejamento, o primeiro grupo destacou como a masculinidade tóxica pode interferir negativamente na vivência da realidade feminina. Nesse percurso, os alunos enfatizaram a maternidade unilateral, na qual só a mãe é responsabilizada e julgada pela educação dos filhos; a falta de melhores oportunidades de trabalho e chefia de cargos de confiança; o abandono afetivo, em casos de doenças; o trabalho doméstico não reconhecido e o abuso de poder, em casos estupro. Dessa maneira, explicando em que pontos esses problemas eram agravados pela masculinidade tóxica.

O outro grupo que ficou responsável por explicar sobre os aspectos negativos da masculinidade tóxica para os homens: explorando o preconceito sexual, a intolerância com a homoafetividade e a exclusão social sofrida por essas pessoas, além do mais, descreveram acerca dos efeitos que a masculinidade agressiva causa dentro do ambiente doméstico, como traumas, violência física e patrimonial. Ao fim das colaborações, em que cada grupo tinha de quinze minutos para fazer a exposição, um poderia complementar lacunas em relação ao outro e, até mesmo, contestar os pontos de vista. Antes de encerrarmos a aula, fizemos propomos, juntos aos estudantes, possíveis soluções que pudessem mediar o conflito, a saber: a educação e o respeito aos direitos e deveres constitucionais.

Acreditamos que essa experiência foi capaz de trazer reflexão, no entanto, é preciso continuar almejando modificações, uma vez que as pessoas não transformam suas atitudes instantaneamente. Seríamos ingênuas neste pensar, quando estamos imersas em um mundo no qual presenciamos as mais diversas atrocidades, porém, como professoras semeamos conhecimento para que as próximas gerações usufruam dele, a fim de praticar e promover o bem-estar social. Destacamos o papel da leitura como uma das formas de pensar sobre a

humanidade, enfatizando que a ficção serve como um observatório das relações humanas e, por isso, o texto literário deve estar presente nas aulas de literatura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, buscamos ressaltar a importância do trabalho com o texto literário em sala de aula, bem como discutir a temática da masculinidade tóxica, tendo em vista as orientações que partiram da coordenação pedagógica da escola em que atuamos, a fim de buscar caminhos para evitar conflitos provenientes do que acreditamos estar alicerçado no machismo estrutural. Com base na BNCC (2018) e nas ponderações teóricas de Cosson (2011), além de outros autores que discutem acerca dos gêneros e do dispositivo da sexualidade, criamos uma proposta de encontros que pudessem ser interativos.

Como resultado, conseguimos explorar a oralidade dos estudantes, a capacidade argumentativa, além de aproximar o texto literário da realidade de muitos dos jovens. Assinalamos que, no geral, foi uma experiência gratificante, especialmente, quando alguns dos alunos nos solicitaram que essa dinâmica fosse repetida com outros textos, em outras aulas. Evidentemente, não modificamos o agir cotidiano de muitos, mas fizemos nosso papel de mediar o conhecimento em prol da boa convivência social.

Nossa sugestão de planejamento didático, caso seja de interesse de algum pesquisador, poderá ser readaptada, uma vez que cada escola tem as suas particularidades. Também estamos cientes de que, a depender da turma, o efeito pode ser modificado. Por fim, salientamos que essa estratégia pode ser trabalhada tanto em outras séries do ensino médio ou, até mesmo, no ensino fundamental, em turmas do 9º ano.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 5.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo*. Tradução: Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

COSSON, R. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2. ed. 7. Reimpressão, São Paulo: Contexto, 2018.



DOLZ, J. *et al.* Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e Org. de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 31-49.

NOLASCO, S. *Um Homem de Verdade*. In: CALDAS, Dario (org.). *Homens*. São Paulo: Editora SENAC, 1997, p. 13-29.

OLIVEIRA, P. P. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: 2004.

SCLIAR, M. Lágrimas e Testosterona. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 1, 28 fev. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2802201105.htm>. Acesso em: 15 nov. 2023.